

## Educação Musical no Ensino Médio: orientações legais e construções possíveis em Música na Educação Básica

### Comunicação

#### GTE 14 – Formação Docente em Música

*Thaynara Lima Lessing*  
Universidade Federal de Santa Maria  
*thaynaralessing@gmail.com*

*Luana Cristina Hahn*  
Universidade Federal de Santa Maria  
*luanachahn@gmail.com*

*Lahayne Jovannowich dos Santos*  
Universidade Federal de Santa Maria  
*lahayne.jova@gmail.com*

*Rogeli Rissani Rodrigues Sanfelice*  
Universidade Federal de Santa Maria  
E-mail do(a) autor(a)

*Carlos Eurico da Silva dos Santos*  
Universidade Federal de Santa Maria  
*carlossantos.violonista@gmail.com*

*Peterson Nascimento Machado*  
Universidade Federal de Santa Maria  
*peterson.machado@acad.ufsm.br*

**Resumo:** Este relato discute as orientações legais e construções possíveis em Música na Educação Básica, especificamente no contexto do Ensino Médio, considerando práticas de Estágio Supervisionado. O relato foi realizado junto a estagiários de música de uma escola pública estadual do Rio Grande do Sul, no âmbito da disciplina Eletiva “Caiu na rede! É peixe?”, com turmas de 1º ano do Ensino Médio. O objetivo consistiu em refletir sobre a presença da música na escola, explorando suas possibilidades como área de conhecimento a partir de narrativas da docência-estagiária nesse contexto. A metodologia envolveu a produção de narrativas de cinco estagiários de Licenciatura em Música, organizadas a partir de quatro eixos analíticos: envolvimento com o itinerário formativo, metodologias adotadas, presença da música na escola e desafios/potencialidades da atuação docente. Os resultados evidenciam o Estágio Supervisionado como um espaço formativo potente, contribuindo com a legitimação da música na Educação Básica e ressignificando o modo de ser e atuar na docência-estagiária.

**Palavras-chave:** Educação Musical; Estágio Supervisionado; Ensino Médio.

## Introdução

A pesquisa foi desenvolvida a partir de reflexões resultantes da disciplina de *Estágio Supervisionado*, componente curricular do curso de Licenciatura em Música da Universidade Federal de Santa Maria. Foi desenvolvida em uma escola estadual pública situada na região central do Rio Grande do Sul, com orientação da professora Cláudia Ribeiro Bellochio e coorientação da doutoranda docente orientada Thaynara Lima Lessing. A proposta do estágio teve como propósito potencializar a atuação de estudantes do ensino médio não apenas como receptores, mas também como produtores musicais e sujeitos ativos em seus processos de aprendizagem.

O estágio foi realizado com três turmas de 1º ano do Ensino Médio – turmas 100 e 101 (turno da manhã) e 102 (turno da tarde). As turmas eram compostas, respectivamente, por 16, 22 e 32 estudantes, totalizando 70 alunos. Importa destacar que a música não figura de forma autônoma na matriz curricular da escola, estando inserida na disciplina de Ensino de Artes. Assim, a presença dos estagiários de música representou o contato formal mais próximo e contínuo que os estudantes tiveram com essa linguagem artística, criando possibilidades efetivas de vivência musical crítica e criativa.

O trabalho foi orientado metodologicamente pela obra *“Experiências musicais: professores em formação na formação de professores”* (Garbosa, 2016), que propõe uma abordagem centrada nas experiências e nos interesses dos alunos, priorizando práticas significativas que integrem escuta sensível, criação e reflexão. A partir desse referencial, os planejamentos buscaram articular a prática musical à investigação do consumo musical de massa, incentivando o desenvolvimento do senso crítico dos estudantes e fomentando discussões sobre qualidade sonora, indústria cultural e o papel da mídia na formação de gostos musicais. Espera-se, assim, provocar uma escuta mais atenta e reflexiva, ampliando os repertórios estéticos e culturais dos alunos.

Inicialmente, retomamos orientações legais que regem o Ensino Médio no Brasil, com foco nas possibilidades de construção de práticas musicais nas escolas de educação básica. Logo, destacamos experiências vivenciadas pelos estagiários de música, em uma escola estadual do interior do Rio Grande do Sul, no contexto da disciplina Eletiva “Caiu na rede! É peixe?”. Metodologicamente, analisando achados da pesquisa, apresentaremos narrativas

dos estagiários acerca do trabalho realizado. Nesse sentido, a proposta assume a música como linguagem expressiva, potente para a construção de identidades, para a leitura crítica do mundo e para o fortalecimento de uma educação artística comprometida com a diversidade, a inclusão e o protagonismo juvenil (Pena et al., 2013).

## Orientações legais para o Ensino Médio: perspectivas em Educação Musical

A organização do Ensino Médio no Brasil está ancorada em um conjunto de Diretrizes Legais que visam dar coerência à formação dos estudantes, no caso do ensino médio, atingindo a etapa final da Educação Básica. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB – Lei nº 9.394/1996) estabelece, em seu artigo 35, que a etapa do Ensino Médio tem como finalidade consolidar os conhecimentos do Ensino Fundamental, preparar os estudantes para o trabalho e a cidadania, promover o desenvolvimento ético, intelectual e crítico, e articular teoria e prática com base nos fundamentos científico-tecnológicos dos processos produtivos.

Ao longo das últimas décadas, essa etapa de escolarização passou por intensas reformas estruturais e curriculares, culminando na promulgação da Lei nº 13.415/2017, que instituiu a chamada Reforma do Ensino Médio. Este movimento trouxe alterações à LDB, introduzindo mudanças na estrutura, carga horária e currículo do Ensino Médio no Brasil. Neste contexto, emergem os Itinerários Formativos, que preveem a oferta de componentes curriculares organizados em cinco áreas de conhecimento: Linguagens e suas Tecnologias, Matemática e suas Tecnologias, Ciências da Natureza, Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, e Formação Técnica e Profissional. Além disso, a Lei nº 13.415/2017 propôs a ampliação progressiva da carga horária total para 1.400 horas anuais, com a possibilidade de maior flexibilidade na composição curricular das escolas.

Trazendo aproximações com a área de Educação Musical, nos voltamos à Base Nacional Comum Curricular (BNCC), documento normativo que define os direitos de aprendizagem e desenvolvimento dos alunos ao longo da Educação Básica, com base no que estabelece o Plano Nacional de Educação (Brasil, 2018). Na BNCC, a área de Linguagens e suas Tecnologias congrega os campos de ensino de Língua Portuguesa, Língua Inglesa, Educação Física, Artes e seus respectivos desdobramentos – incluindo Artes Visuais, Dança, Teatro e

Música. No entanto, a BNCC do Ensino Médio não menciona a área de música como componente obrigatório, o que representa um retrocesso em relação ao Ensino Fundamental. No Ensino Médio, a ênfase na formação por competências e habilidades transversais, embora ocasione aberturas para diferentes abordagens, também dilui a especificidade das linguagens artísticas, como a música.

Considerando isso, a docência em música tem construído caminhos no Ensino Médio, principalmente por meio do componente curricular Arte, no qual a deve estar contemplada como uma de suas linguagens (Brasil, 2018). Tal percurso se articula tanto no reconhecimento da música como forma de expressão artística quanto em suas interações com outras áreas do conhecimento.

Com vistas nisto, é importante refletirmos criticamente a respeito das políticas públicas vigentes, buscando problematizar tanto para os limites estruturais e legais quanto para as potencialidades pedagógicas para que a música continue a fazer parte da formação integral dos estudantes no Ensino Médio. Para tanto, voltaremos nossa escrita ao contexto em que se insere este trabalho: o Ensino Médio no estado do Rio Grande do Sul.

## **O Ensino Médio Gaúcho e a Educação Musical**

O Ensino Médio gaúcho passou por significativas transformações a partir da implementação da Lei nº 13.415/2017, que instituiu a Reforma do Ensino Médio no Brasil. No contexto do Rio Grande do Sul, essas mudanças foram regulamentadas pelo Referencial Curricular Gaúcho do Ensino Médio (RCGEM), que reorganiza o currículo em duas grandes partes: a Formação Geral Básica (FGB) e os Itinerários Formativos. No modelo adotado pela rede estadual, especialmente nas escolas de tempo integral, a proposta pedagógica é organizada a partir de contornos próprios, buscando fortalecer o protagonismo, a articulação entre saberes e o desenvolvimento integral dos estudantes.

A oferta do ensino médio em tempo integral no estado é estruturada em aproximadamente 4.500 horas ao longo de três anos, com carga horária diária de cerca de nove horas. As Eletivas são ofertadas trimestralmente e organizadas com base em temas de interesse dos estudantes, muitas vezes, surgindo a partir de uma “Feira das Trilhas”, na qual os alunos escolhem, entre diversas propostas, aquelas com as quais desejam se envolver.

Essas unidades curriculares podem ser interdisciplinares, propostas por dois professores de áreas distintas, e se articulam tanto com os Itinerários Formativos quanto com os projetos de vida dos estudantes (Seduc/RS, 2021).

Considerando este contexto, observa-se que a inserção da área de conhecimento musical se desenvolve de maneira pontual e condicionada à disponibilidade de professores com formação específica e à existência de carga horária dentro das Eletivas e dos Itinerários Formativos. As propostas musicais que emergem nesse cenário podem incluir oficinas de canto coral, práticas instrumentais coletivas, uso de tecnologias para produção musical, além de diálogos com outras linguagens artísticas e temáticas contemporâneas, a partir da temática das Eletivas. Podemos perceber estas iniciativas a partir da pesquisa de Rosa (2020) que tematiza sobre práticas musicais presentes nos Itinerários Formativos da BNCC em uma escola pública de Ouro Preto - MG, de tempo integral.

A oferta de variados itinerários formativos propostos na BNCC (Brasil, 2017) abrange desde aulas regidas por um professor, aulas de aprofundamento acadêmico e formação técnica profissional, até atividades que os próprios alunos desenvolvam a partir do interesse comum. Dessa forma, a gestão do Estadual Central optou em priorizar a organização dos itinerários formativos para a criação dos “clubes” e “núcleos de criação artística”, seguindo a proposta da BNCC, o que possibilitou a criação de grupos como clube de leitura, clube de jogos, banda, grupo vocal, grupo de teatro, grupo de dança (p. 328).

Nesse mesmo movimento, podemos estabelecer uma relação entre essas experiências escolares e os princípios do aprendizado informal descritos por Lucy Green (2002). As práticas musicais que emergem nestes núcleos de aprendizagem, conforme apontado por Rosa e Silva (2021), muitas vezes, se constituem em meio à espontaneidade, a partir do interesse coletivo e da experimentação, aproximando-se das características de um aprender fora dos moldes tradicionais. Green “faz considerações importantes sobre o prazer e a motivação dos sujeitos em tocar, o interesse pela criação e, também, sobre a própria visão deles quanto ao aprendizado informal que tiveram, que nem sempre são vistas como uma aprendizagem musical válida” (Rosa; Silva, 2021, p. 10).

Mesmo quando inseridas dentro de estruturas formais como os Itinerários Formativos, essas dimensões emergem sugerindo que as fronteiras entre o aprender formal e informal podem se tornar mais porosas. Ainda que essas práticas não sigam, necessariamente, um

currículo estruturado, elas favorecem a construção de sentidos para os alunos, validando modos diversos de apropriação musical. Reconhecer e valorizar essas experiências como formas legítimas de aprendizagem musical é essencial para ampliar o espaço da música nas escolas e para construir propostas que dialoguem com os interesses e modos de ser dos estudantes no Ensino Médio.

## **Educação Musical no Ensino Médio: construções possíveis e atuação docente nas Eletivas**

O relato em questão emerge da experiência de ampliação dos repertórios individuais dos estudantes, incorporando elementos de culturalidade e promovendo um ensino interdisciplinar. A música, nesse contexto, torna-se mediadora para a troca de saberes entre educadores e discentes, permitindo que os alunos compartilhem vivências musicais e desenvolvam a percepção de suas identidades e das identidades dos outros, respeitando as diversidades e aprendendo por meio da arte.

No contexto das turmas em que foi realizado o Estágio Supervisionado, essa proposta foi vivenciada a partir da atividade intitulada “Chuva de Ideias”, inserida no eixo “Linguagens e suas Tecnologias” e conduzida pelos professores no primeiro dia letivo do primeiro trimestre de 2025. Essa escuta ativa orientou a escolha da Eletiva ‘Caiu na REDE! É Peixe?’, vigente até maio de 2025. Na etapa seguinte, os estagiários participaram ativamente da definição da nova Eletiva, com liberdade para pensar e propor como seria desenvolvida.

A Eletiva “Caiu na REDE! É Peixe?” propôs a investigação dos impactos das redes sociais na expressão linguística e identitária da juventude, cujo objetivo envolve “investigar o impacto e influência das redes sociais na expressão linguística e identitária dos jovens construindo ferramentas para os estudantes conseguirem identificar os prós e contras da utilização massiva das mídias digitais” (Unidades Curriculares Eletivas SEDUC/RS, 2024, p. 67).

A partir de seu objetivo geral, o trabalho em música propôs investigar o consumo musical de massa, estimular o senso crítico e fomentar debates sobre qualidade sonora e o papel da mídia na formação dos gostos musicais. As aulas foram planejadas para ir além da análise crítica, envolvendo também a experimentação e a criação musical como formas de expressão. A culminância da proposta consistiu na participação dos estudantes em um

concerto da Orquestra Sinfônica de Santa Maria, cujo repertório foi composto por trilhas sonoras de filmes. A atividade valorizou a escuta sensível, promoveu a apreciação musical e articulou experiências estéticas e culturais no contexto escolar, reunindo as temáticas trabalhadas durante as aulas de música.

Parte-se da compreensão de que a música está profundamente relacionada à identidade, à mídia e à cultura. Assim, ao propor o contato com músicas de diferentes culturas e épocas, experiências práticas com instrumentos e com o corpo, composição coletiva, construção de *playlists* colaborativas e análise de letras e sonoridades diversas, a proposta busca estimular o reconhecimento das referências culturais dos estudantes, ampliando seus repertórios estéticos e críticos.

Considerando que a cultura é um fator determinante na constituição do sujeito, é imprescindível que os múltiplos contextos e experiências trazidos pelos estudantes sejam considerados no processo educativo. É preciso acolher as experiências prévias dos estudantes e integrá-las à diversidade cultural, permitindo o compartilhamento de saberes. A atividade ancora-se em fundamentos da educação intercultural, que compreende a escola como um espaço de encontro entre diferentes vivências culturais e reconhece que cada estudante constrói conhecimento a partir de suas próprias. Nesse sentido, Candau (2012) entende que “a prática intercultural exige a valorização das múltiplas culturas presentes no ambiente escolar, contribuindo para uma educação mais democrática e inclusiva”. Assim, a proposta dialoga com competências gerais da BNCC, como pensamento crítico, diversidade e expressão por diferentes linguagens.

Ao integrar escuta, análise, criação e socialização musical, a proposta justifica-se como uma experiência de aprendizagem significativa, que articula os objetivos do Estágio Supervisionado, os fundamentos da BNCC e as demandas contemporâneas da formação juvenil. Nesse contexto, a música assume um papel central como linguagem de leitura do mundo, de construção identitária e de ampliação da consciência crítica.

### **Experiências no Itinerário “Caiu na rede! É peixe?”**

Dando continuidade ao percurso formativo vivenciado na Eletiva “Caiu na REDE! É Peixe?”, esta seção apresenta excertos narrativos elaborados pelos estagiários de música a

partir de suas experiências junto às turmas do 1º ano do Ensino Médio. As narrativas emergiram de uma atividade de escrita reflexiva realizada durante os encontros de orientação de estágio, com o objetivo de favorecer a elaboração crítica das experiências vividas no contexto escolar. Essa escrita teve como foco eixos como o envolvimento com a Eletiva “Caiu na rede! É peixe?”, as metodologias adotadas e as atividades musicais desenvolvidas, a presença da música na escola de estágio e os desafios e potencialidades da atuação docente no Ensino Médio.

O primeiro eixo de análise das narrativas dos estagiários refere-se ao envolvimento com o itinerário formativo “Caiu na rede! É peixe?”, vivenciado no contexto do Estágio Supervisionado C. De modo geral, as narrativas evidenciam tensões entre o planejamento prévio da Eletiva e a chegada dos estagiários ao projeto já em andamento.

*O que mais me envolveu foi tentar conciliar o que já tinha sido iniciado com os professores regentes e o que nós (estagiários) queríamos e que acreditávamos engajar mais os alunos [Estagiária 1].*

*Como diz o ditado "pegamos o trem andando", e minha participação do itinerário mais pareceu um fechamento do trimestre do que uma participação das atividades que desenvolveram [Estagiário 5].*

É importante ressaltar que no período em que os estagiários iniciaram a docência nas turmas, a Eletiva já estava em andamento, sendo conduzida pelos professores regentes. Considerando este contexto, ainda que tenham sido realizadas duas observações de dois períodos de aula em duas semanas subsequentes, percebe-se que os estagiários expressam descontentamento por não participarem da Eletiva desde a etapa inicial, o que requereu a capacidade de adaptação e planejamento com a proposta que estava em curso. Assim, o estágio é destacado como espaço de formação tensionado por realidades institucionais, mas também como um campo de reinvenção do ser-professor. Os relatos apontam para o exercício de uma docência-estagiária (Abreu, 2023) em construção, que busca articular intencionalidade pedagógica e a capacidade de agir mesmo diante de estruturas previamente estabelecidas.

Conforme Abreu (2023), docência-estagiária refere-se a um processo formativo em que os estudantes de licenciatura constroem sua identidade docente enquanto desenvolvem atividades de estágio supervisionado. Essa docência é marcada pela articulação entre vivências pessoais, experiências formativas e os modos de ser construídos ao longo da vida,

integrando-os ao fazer docente em contextos escolares. Trata-se de uma forma específica de exercer a docência, que está em construção e é própria do momento em que o licenciando atua como estagiário, aprendendo com e na prática.

Nessa perspectiva, os saberes mobilizados no início deste caminho na experiência estagiária evidenciam uma construção marcada pela prática, pela convivência e pelas escolhas no cotidiano escolar. Assim, pode-se considerar que a capacidade de agência em meio às incertezas do início pode ser sustentada por saberes experienciais (Tardif, 2011), resultantes do exercício da prática docente diária por meio da vivência de situações específicas relacionadas ao espaço da escola e às relações estabelecidas com alunos e colegas de profissão, incorporando-se à experiência sob a forma de saber-fazer e de saber-ser.

No que tange às metodologias adotadas durante o trabalho, as narrativas evocam um processo metodológico inicialmente instável, mas que ganhou consistência conforme os estagiários foram se apropriando das práticas.

*Acredito que pela terceira aula “pegamos no tranco”, buscando sempre conversar com a realidade dos estudantes... [Estagiária 1].*

*Mesmo, às vezes, sem saber como iniciar a aula, sempre conseguimos um bom fluxo de andamento [Estagiário 2].*

Considerando estas narrativas, percebe-se que mesmo em meio à insegurança ou falta de familiaridade com a condução autônoma das aulas, destaca-se uma consolidação progressiva das propostas. Vale destacar que um fator muito importante para o desenvolvimento docente dos estagiários foi a atuação em duplas, onde os estagiários constroem uma história em comum, no contexto daquilo que para a maioria constitui as primeiras experiências docentes.

Em se tratando de planejamento das atividades, há uma intenção coletiva de planejamento, com variações conforme o contexto de cada turma, uma vez que todas as turmas desenvolvem a mesma Eletiva. Nesse contexto, a temática das trilhas sonoras aparece como fio condutor, envolvendo produção musical com ferramentas digitais (como o BandLab), percussão corporal e atividades de apreciação.

*Demonstramos sites que eles pudessem trabalhar com criação musical, explorando timbres e sua criatividade [Estagiário 3].*

*O tema que levamos era “Trilhas sonoras” e conseguimos trabalhar, gradativamente, até chegar nos trabalhos dos alunos com sites online de produção musical [Estagiária 2].*

*Fizemos atividades envolvendo percussão corporal, ritmo, composição utilizando o BandLab [Estagiária 4].*

As narrativas nos colocam a pensar acerca de um trabalho pedagógico-musical que mobiliza a autoria, a escuta e a experimentação, evidenciando o potencial expressivo e criativo dos estudantes, tanto individual quanto coletivamente. A incorporação de tecnologias e de propostas sensíveis ao universo sonoro dos alunos fortalece uma perspectiva crítica e emancipadora da formação musical, na qual a aprendizagem se constrói pela prática, pela colaboração e pela experiência estética. Segundo Cernev (2018), a aprendizagem musical colaborativa requer uma base teórica consistente e reflexão crítica por parte do professor, para além da simples busca por inovações práticas.

Nesse cenário, o uso de recursos digitais aparece como um elemento significativo das práticas pedagógicas, ampliando as possibilidades de criação e engajamento. Como já vem sendo discutido na literatura da área, “o uso das tecnologias digitais no ambiente educacional tem suscitado a necessidade da formação de professores para que se adaptem aos atuais contextos de ensino” (Cernev, 2018, p. 30).

Segundo Bellochio e Beineke (2007, p. 9), “um tema recorrente nas reflexões dos estagiários, que têm implicação direta nas suas práticas em sala de aula, refere-se ao espaço que o ensino de música tem na escola pública”. Desse modo, as narrativas trazem uma percepção recorrente da música como presença suplementar no cotidiano escolar, de maneira limitada, majoritariamente, a um uso funcional vinculado a outras áreas do conhecimento. A música, nesse contexto, é compreendida não como campo formativo em si, mas como suporte ou pano de fundo — o que fragiliza sua potência formativa, sinalizando o esvaziamento de sua legitimidade enquanto área curricular.

*A presença da música na escola é muito escassa, tendo pouco espaço nas aulas, sendo uma ferramenta para aprender outros conteúdos e não como uma área de conhecimento importante para a formação dos alunos [Estagiária 4].*

No entanto, a atuação estagiária desponta como uma ação de deslocamento dessa lógica: a chegada dos estagiários possibilita o (re)conhecimento da música como linguagem

própria, promotora de experiências estéticas, criativas e relacionais, conforme evidenciado nos relatos dos estudantes da escola e na receptividade dos docentes regentes, como destacado pelas Estagiárias 1 e 2.

*Depois que iniciamos com as nossas propostas, notamos como os alunos e professores regentes se engajaram e gostaram muito das aulas.*

*Percebemos que a presença da música foi se construindo com a nossa chegada...*

Assim, emerge a noção de que a prática docente vivida no estágio — mesmo em sua condição inicial e provisória — pode constituir brechas de invenção no espaço escolar, ampliando as concepções do fazer musical e instaurando, permanentemente, a busca por propostas pedagógicas sobre a presença da música na escola como componente curricular. Tal constatação nos leva a refletir, conforme problematiza Penna (2002b), que a reduzida presença da música na escola não se deve unicamente à ausência de espaço ou de reconhecimento institucional, mas também à própria dinâmica de inserção profissional, marcada por uma priorização de outros contextos de atuação docente em detrimento do ensino regular. Nesse sentido, o estágio mostra-se como um potente gesto de inserção da música no cotidiano escolar, não apenas como prática, mas como reinvenção, reivindicação e proposições curriculares.

Referente aos desafios e potencialidade da atuação no Ensino Médio, as narrativas evidenciam que a docência-estagiária (Abreu, 2023), no contexto da Eletiva, se configurou como uma experiência desafiadora e potente ao mesmo tempo. Os relatos trazem tensionamentos estruturais — como a ausência da disciplina de Música e a fragilidade da integração entre a linguagem musical e os componentes do currículo — e subjetivos, como o medo, a insegurança e o sentimento de inadequação frente a um novo contexto de atuação docente.

*A ideia de trabalhar com alunos que têm quase a mesma idade que a gente foi aterrorizante no início, mas acabei me acostumando [Estagiária 2].*

*Me senti um pouco perdido em certos momentos, não sabendo como seria o trabalho e como poderia fazer diferente [...] sinto que poderia ter me preparado mais [Estagiário 3].*

*Estagiar no ensino médio tem sido um desafio bem grande, dar aulas a tarde com os alunos cansados não ajuda quando precisamos dos ânimos dos adolescentes [Estagiário 5].*

Nesse cenário, a construção da identidade docente em formação está marcada por atravessamentos que requerem do futuro professor um processo constante de reestruturação entre o conhecimento em construção na universidade, o que se espera no campo escolar e as práticas possíveis, considerando uma turma de estágio. Neste contexto, Bellocchio e Beineke (2007) consideram “o estágio supervisionado como oportunidade para a reflexão sobre a prática educativa e a construção dos conhecimentos práticos dos estagiários” (p. 14). As autoras mencionam ainda que:

[...] são justamente essas situações ‘difíceis’ que mobilizam a construção do conhecimento prático pelos estagiários, pois é esse processo que possibilitará o desenvolvimento da reflexão-na-ação, para o qual o profissional recorre nos momentos em que se apresentam as situações inesperadas e complexas que caracterizam a prática docente (p.14).

Por outro lado, apesar das dificuldades, as narrativas sugerem estratégias de enfrentamento e ressignificação da prática de docência-estagiária (Abreu, 2023), especialmente quando a atuação se dá em duplas ou grupos colaborativos, possibilitando apoio mútuo, trocas metodológicas e fortalecimento da segurança didático-pedagógica. A Estagiária 4 menciona que “funcionou trabalhar em conjunto com os colegas e ter o apoio da dupla nas aulas”. Este relato se alinha à ideia de docência estagiária como prática situada, relacional e construída individual e coletivamente, pressupondo a existência de “experiências acumuladas, vividas no dia a dia, no encontro com o outro, seja no contexto da escola ou em outros espaços sociais, envolvendo pessoas, descobertas, transformações, afetos” (Garbosa, 2017, p. 06).

Diante desse percurso, compreende-se que o estágio no Ensino Médio, mesmo atravessado por incertezas e tensões, configura-se como um espaço fecundo de formação para a docência, onde o exercício docente-estagiário se desenvolve no entrelaçamento entre desafios, colaborações e a potência da música como área de conhecimento.

## Considerações finais

Este relato buscou discutir as orientações legais e construções possíveis em Música no contexto do Ensino Médio, explorando suas possibilidades como área de conhecimento, a partir das narrativas de docentes-estagiários, considerando a disciplina Eletiva “Caiu na rede! É peixe?”. As narrativas dos docentes estagiários evidenciaram os desafios e as potencialidades da inserção da Educação Musical neste contexto, mostrando que suas ações contribuíram para a valorização da música como área de conhecimento, com possibilidades para vivências estéticas, criativas e críticas no cotidiano da escola. A docência-estagiária, ainda em constituição, mostrou-se potente ao integrar propostas de escuta sensível, criação e reflexão, considerando a diversidade cultural escolar.

A atuação em duplas, o planejamento coletivo e a abertura à experimentação foram aspectos que favoreceram a construção de práticas pedagógico-musicais alinhadas aos interesses dos estudantes e às diretrizes da BNCC. Nesse percurso, os(as) estagiários(as) consolidaram aprendizagens significativas na construção de uma identidade docente em diálogo com as complexidades da prática educativa. Frente ao exposto, compreende-se que o Estágio Supervisionado com seus desafios e potencialidades, pode constituir um espaço formativo fecundo da profissão docente, afirmando a música como linguagem do Ensino de Arte, componente curricular da Educação Básica.

## Referências

ABREU, Washington Nogueira de. *Educação musical e estágio supervisionado: trilhas formativas na construção da docência-estagiária*. 2023. 173p. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2023.

BEINEKE, Viviane; BELLOCHIO, Cláudia Ribeiro. A mobilização de conhecimentos práticos no estágio supervisionado: um estudo com estagiários de música da ufsm/rs. *Música Hodie*, Goiânia, v. 7, n. 2, p. 73–88, 2008. DOI: 10.5216/mh.v7i2.3303. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/musica/article/view/3303>. Acesso em: 23/06/2025.

BRASIL. *Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996*. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 23 dez. 1996.

BRASIL. *Lei nº 13.415, de 16 de fevereiro de 2017*. Altera as Leis nº 9.394/1996, nº 11.494/2007 e nº 11.692/2008, e a Consolidação das Leis do Trabalho – CLT. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 17 fev. 2017.

BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, DF: MEC, 2018. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>> Acesso em: 18/06/2025

CANDAU, Vera M. F. *Direito à educação, diversidade e educação em direitos humanos*. Educ. Soc., Campinas, v. 33, n. 120, p. 715-726, jul.-set. 2012

CERNEV, Francine. Kemmer. (2018). Aprendizagem musical colaborativa mediada pelas tecnologias digitais: uma perspectiva metodológica para o ensino de música. *Revista da ABEM*, [S. l.], v. 26, n. 40, 2018. Disponível em: <https://revistaabem.abem.mus.br/revistaabem/article/view/718>. Acesso em: 23/06/2025.

GARBOSA, Luciane Wilke Freitas. *Experiências musicais - professores em formação na formação de professores*. 1. ed. São Leopoldo: Oikos, 2016. v. 1. 144p.

\_\_\_\_\_. Formação docente e grupo: o PIBID-Música como dispositivo formador. In: Congresso Nacional da Associação Brasileira de Educação Musical - Diversidade humana, responsabilidade social e currículos: interações na educação musical, 23ª edição, 2017. *Anais do XXIII Congresso ABEM*. Manaus, 2017. Pp.01-14.

GREEN, Lucy. *How popular musicians learn: a way ahead for music education*. London: Ashgate, 2002.

PENNA, Maura. A arte no ensino médio nas escolas públicas da Grande João Pessoa. João Pessoa: D'ARTES/UFPB, 2002b. Disponível em: < <https://www.cchla.ufpb.br/pesquisarte>>. Acesso em: 23/06/2025

TARDIF, Maurice. *Saberes docentes e formação profissional*. 12. Ed, Petrópolis: Vozes, 2011.

ROSA, Tauni Mauê Santos; HELENA, Helena Lopes da. Sentidos da Música no Novo Ensino Médio: um estudo de caso realizado na Escola Estadual Governador Milton Campos. In: Congresso Nacional da ABEM, 25ª edição, 2021, local. *Anais do XXV Congresso ABEM*. Online, 2021, 1-12. Disponível em: <[http://abemeducacomusical.com.br/anais\\_congresso/v4/papers/984/public/984-4408-1-PB.pdf](http://abemeducacomusical.com.br/anais_congresso/v4/papers/984/public/984-4408-1-PB.pdf)>. Acesso em: 23/06/2025

ROSA, Tauni Mauê Santos. Música no Novo Ensino Médio: práticas musicais presentes nos Itinerários Formativos da BNCC em uma escola pública de tempo integral. In: Simpósio Brasileiro de Pós-graduandos em Música, 6ª edição, 2020, local. *Anais do VI SIMPOM*. Online, 2020, 1-13. Disponível em: <6. Acesso em: 23/06/2025

SEDUC/RS. *Referencial Curricular Gaúcho do Ensino Médio*. Porto Alegre: Secretaria da Educação do Estado do Rio Grande do Sul, 2021. Disponível em: <<https://educacao.rs.gov.br/upload/arquivos/202111/24135335-referencial-curricular-gaucha-em.pdf>>. Acesso em: 23/06/2025

SEDUC/RS. *Unidades Curriculares Eletivas*. Porto Alegre: Secretaria da Educação do Estado do Rio Grande do Sul, 2024. Disponível em: <[https://ensinomediogaucha.educacao.rs.gov.br/doctos/eletivas\\_2024.pdf](https://ensinomediogaucha.educacao.rs.gov.br/doctos/eletivas_2024.pdf)>. Acesso em: 23/06/2025